

TRADUÇÃO

[O MÁRTIR MODERADO: UMA VISÃO RADICALMENTE PACÍFICA DO ISLÃ]¹

Ana Flávia Souza Aguiar²

THE MODERATE MARTYR - A RADICALLY PEACEFUL VISION OF ISLAM

George Packer³

Em 1967, um estudante de direito na Universidade de Cartum chamado Abdullahi Ahmed an-Naim estava procurando por uma maneira de passar o tempo em uma noite de verão em sua cidade natal, um cruzamento de ferrovias às margens do Nilo, no norte do Sudão. Não havia bons filmes passando nos cinemas locais, então ele foi com um amigo ouvir uma palestra aberta de Mahmud Mohamed Taha, um místico Sudanês não ortodoxo com uma quantidade pequena, mas ardente de seguidores. O assunto de Taha, “Uma Constituição Islâmica: Sim e Não”, atraiu Naim. Nos anos seguintes à independência do Sudão, em 1956, o papel do Islã no Estado foi ferozmente debatido por sufistas tradicionais, marxistas seculares e os cada vez mais forte islâmicos da Irmandade Muçulmana, que, na época, eram liderados no Sudão por Hassan al-Turabi, um acadêmico da área de Direito. Politicamente, Naim tendia à esquerda, mas tinha sido criado em um lar conservador muçulmano. “Eu estava muito dividido” Naim lembrou recentemente. “Eu sou muçulmano, mas não podia aceitar a Sharia” – Lei islâmica. “Eu estudei a Sharia e eu sabia o que ela dizia. Eu não via como o Sudão seria viável sem que as mulheres fossem cidadãs plenas e sem que não-muçulmanos fossem cidadãos plenos. Eu sou muçulmano, mas não poderia viver com essa visão do Islã.”

¹ Versão original (inglês): <http://www.newyorker.com/magazine/2006/09/11/the-moderate-martyr> Acesso em 10 de julho de 2016. Sendo tradução de uma coluna e não de artigo, as referências cabem à fonte original.

² Mestranda em Ciência da Religião (PUC-SP). souzaaguiar.ana@gmail.com

³ Jornalista e escritor estadunidense, graduado em Yale, colunista do *The New Yorker*. <http://www.newyorker.com/contributors/george-packer> Acesso em 10 de julho f 2016.

O dilema de Naim sobre o Islã era um conflito intensamente pessoal – ele chamou esse período de “um impasse”. O que ele ouviu na palestra de Taha resolveu seu conflito. Taha disse que a constituição sudanesa precisava ser reformada, para reconciliar “a necessidade individual de liberdade absoluta com a necessidade da comunidade de justiça social total.” Essa ideia política, ele argumentou, poderia ser melhor alcançada não através do marxismo ou do liberalismo, mas através do Islã, isto é, o Islã na sua forma original, não corrompida, na qual mulheres e pessoas de outras fés receberiam status de igualdade. Enquanto Naim ouvia, uma profunda sensação de paz tomou conta dele. Ele entrou no movimento de Taha, que mais tarde ficou conhecido como Irmandade Republicana, e uma noite que havia começado de forma tão ociosa mudou sua vida.

É uma história de revelação e uma versão dela é surpreendentemente fácil de se ouvir no mundo Islâmico, principalmente entre muçulmanos educados de classe média da geração que nasceu depois do fracasso do nacionalismo e do socialismo. Durante uma visita recente ao Sudão, eu visitei a Universidade de Cartum, que fica situada em um conjunto de prédios coloniais cor de barro, onde eu conheci uma mulher chamada Suhair Osman, pós-graduanda em estatística. Em 1993, aos 18 anos, ela passou o ano entre o ensino médio e o começo da faculdade na casa dos pais, no Nilo Azul, ao sul de Cartum, refletindo sobre questões teológicas. Como aluna, ela tinha sido ensinada que pecadores seriam eternamente atormentados depois da morte. Ela não conseguia não sentir pena deles, mas não ousava falar sobre isso durante a aula. Iria toda a criação simplesmente acabar ou no fogo ou no Paraíso? Seu valor como mulher era realmente nada mais do que um quarto do valor de um homem? Era o que ela sentia que a lei islâmica sugeria ao garantir aos homens o direito de ter quatro esposas. Os fiéis realmente tinham o dever de matar infiéis? Um dia, Osman pegou um livro de Taha da prateleira do seu pai, *O Corão, Mustapha Mahmoud e Entendimento Moderno*, publicado em 1970. Quando ela terminou de lê-lo, estava chorando. Pela primeira vez, Osman sentiu que a religião tinha lhe dado igualdade. “Dentro desse pensamento, eu sou um ser humano, ” ela disse. “Fora desse pensamento, não sou.” Era como se ela tivesse dormido toda sua vida e agora estivesse subitamente acordada: o ar, o gosto da água, comida, até o cheiro das coisas tinha mudado. Ela sentiu como se estivesse flutuando um pouco.

No Ocidente, a busca por sentido espiritual é tipicamente um assunto privado. No mundo islâmico, frequentemente, ela leva o investigador a algum tipo de ação coletiva, inspirada por uma aspiração utópica que não admite distinção entre proselitismo, reforma social e política. O reflorescimento islâmico das últimas décadas é a história de milhões de revelações. Longe de ser

idiossincráticas ou marginais, elas se uniram em uma onda que agora é uma preocupação do Ocidente em tempo integral. Renovação e Reforma –em árabe *tajdid* e *islah* – têm sentidos ambíguos e contestados no mundo islâmico. Os termos significam o descarte do acúmulo de leituras mal compreendidas e práticas equivocadas ou relapsas, de forma semelhante a Reforma Protestante, e um retorno aos textos fundadores do Corão e a da Sunna – linhas de conduta baseadas nas palavras e ações do Profeta.

No entanto, além disso, qual a natureza da reforma? O pai de uma história moderna de revelação é Sayyid Qutb, pensador religioso egípcio que, depois de defender a jihad e a derrubada de regimes seculares árabes, foi condenado à forca por Gamal Abdel Nasser, em 1966. Os escritos de prisão de Qutb rejeitam a modernidade e seu secularismo profano e conclamam os fiéis do Islã a retornar a uma visão radicalmente purificada da religião, como foi estabelecida no século VII. Entre os jovens fiéis idealistas que encontraram em seus livros um guia para a Islamização mundial, estavam Ayman al-Zawahiri e Osama bin Laden. Essa nova geração de jihadistas – netos espirituais de Qutb – construiu as ideias do mestre como justificativa para matar basicamente qualquer um em nome do resgate os dias do Profeta. No começo desse ano,⁴ vários vendedores de falafel de Bagdá foram mortos por muçulmanos porque falafel não existia no século VII.

Mahmud Mohamed Taha é o anti-Qutb. Taha, como Qutb, foi enforcado por uma ditadura árabe. Ele foi executado em 1985 por sedição e apostasia, após protestar contra a imposição da Sharia no Sudão pelo Presidente Jaafar al-Nimeiri. Morto, Taha se tornou algo raro no Islã contemporâneo: um mártir moderado. Seu método para reconciliar as crenças muçulmanas com os valores do século XX foi, a sua maneira, tão revolucionário quanto a visão contrária de Qutb. É um sinal do estado atual do debate sobre o Islã que, nos cinco anos desde o 11 de setembro, milhões de pessoas ao redor do mundo tenham tomado conhecimento do nome de Sayid Qutb, enquanto Mahmud Mohamed Taha é praticamente um desconhecido. O Islamismo ganhou a aparência assustadora e sem rosto do jihadista mascarado, do véu de corpo inteiro, da milícia religiosa, da imagem embaçada de um vídeo de segurança, do chefe de Estado messiânico, da multidão anti-americana. No centro do Islã, nos países do Oriente Médio, do Egito ao Irã, *tajdid* e *islah* tem nos ajudado a empurrar sociedades na direção do fervor, da repressão e da violência. Entretanto, na periferia, do Senegal a Indonésia – onde a grande maioria dos muçulmanos vive – a Reforma Islâmica vem em formas mais variadas do que os Ocidentais imaginam. Nas bordas, a

⁴ O texto é de 2006

influência da política americana e do cerco israelense a Palestina é menos opressiva, e é mais fácil perceber que o drama real no Islã é o dilema essencial tratado por Taha: como reviver antigos textos sagrados de uma maneira que ainda permita a vida no mundo moderno.

Taha nasceu em algum momento no começo do século XX – estudiosos dizem que entre 1909 e 1911 – em uma cidade a leste da bacia do Nilo Azul, duas horas ao sul de Cartum, chamada Rufaa. É uma cidade sonolenta, um daqueles lugares silenciosos que se estendem pela região conhecida como Sahel, no norte da África, onde movimentos místicos normalmente começam. Nos anos que antecederam a independência do Sudão, Taha se formou em engenharia civil em uma universidade controlada pela Inglaterra e, depois de trabalhar brevemente para a Companhia das Ferrovias do Sudão, ele começou seu próprio negócio de engenharia. Taha absorveu ideias políticas e sociais lendo vastamente as obras de Marx, Lenin, Russell, Shaw e Wells. Em 1945, fundou um grupo político antimonárquico, o Partido Republicano, e foi preso duas vezes pelas autoridades Britânicas. Primeiro, por escrever panfletos pró-independência e depois, por liderar uma revolta em Rufaa contra a prisão de uma mulher local que submeteu sua filha a uma forma particularmente severa de circuncisão feminina. (Taha se opunha à prática, mas acreditava que o decreto do banimento por parte do governo colonial só a tornaria mais comum.) Seu segundo aprisionamento durou dois anos e quando foi libertado, em 1948, ele entrou em um período de isolamento, oração e jejum, em uma pequena construção no pátio perto da casa de seus genros. Quando visitei Rufaa, em julho, a cabana já havia sido demolida, com outra tendo sido construída em seu lugar, e a casa estava ocupada por uma família vinda do Sudão do Sul.

Enquanto estava isolado, Taha falava com poucas pessoas. Um homem o descreveu como tendo cabelos rebeldes e olhos cheios de sangue. Sua mulher lhe levava pratos de comida simples – sua a família insistiu para que ela se divorciasse desse ex- profissional de sucesso, que algumas pessoas agora consideravam louco, mas ela se recusou – e ele só saía da cabana para nadar no Nilo, localizado a uma pequena caminhada de lá. Durante esse período, que durou três anos, Taha desenvolveu sua visão radicalmente nova acerca do significado do Corão. Depois de voltar do isolamento, em 1951, ele dedicou o resto de sua vida a ensiná-la.

Para qualquer muçulmano que acredita em direitos humanos universais, tolerância, igualdade, liberdade e democracia, o Corão apresenta um problema aparentemente insolúvel. Alguns dos versos violam o senso moral de uma pessoa moderna. O Corão aceita a escravidão. O

Corão diz que os homens são “os protetores e mantenedores das mulheres⁵”, as quais lhe devem obediência, se desobedecerem, o homem tem o dever de avisá-las, depois negar sexo e finalmente de “bater nelas (levemente) ⁶”. O Corão ordena que crentes esperem o fim dos meses sagrados para então “matar os idólatras, onde quer que os encontréis e apanhai-os, sediai-os, e ficai a sua espreita, onde quer que estejam.⁷ ”. Esses e outros versos apresentam o propósito de Deus em termos claros e inequívocos e eles têm se tornado algumas das passagens favoritas em sermões, *fatwas* e posts fundamentalistas atuais, usados para justificar violência e a jihad. Uma indústria enorme de intérpretes reformistas tem surgido nos últimos anos para reexplicar esses versos, contextualizá-los, minimizá-los, ou simplesmente ignorá-los, frequentemente citando o conhecido verso que diz “nada é obrigatório na religião”⁸. Há não muito tempo atrás, fui a uma palestra de um clérigo xiita em Bagdá que citou o verso da não obrigatoriedade enquanto estava sentado embaixo de um retrato do Ayatollah Khomeini. Ao confrontar os versos problemáticos de frente, Taha demonstrou mais honestidade intelectual que todos os estudiosos islâmicos, líderes de comunidades e governantes que pensam ter resolvido o problema ao declarar categoricamente que o Islã é uma religião de paz.

O Corão foi revelado a Mohamed em duas fases – primeiro em Meca, onde por treze anos ele e seus seguidores eram a clara minoria; e depois em Medina, onde o Profeta estabeleceu leis islâmicas em uma cidade cheia de judeus e pagãos. Os versos de Meca são destinados, através de Mohamed, para a humanidade no geral e são cheios de um espírito de liberdade e igualdade. De acordo com Taha, o Islã é apresentado na sua forma perfeita, como o Profeta o viveu, através de exortação ao invés de ameaças. No livro mais importante de Taha, um pequeno volume chamado *A Segunda Mensagem do Islã* (publicado em 1967, dedicado “A humanidade!”, ele escreve que a vida dos primeiros muçulmanos em Meca “era a suprema expressão da sua religião, e consistia de adoração sincera, gentileza, e coexistência pacífica com todas as outras pessoas.” Abdullahi an-Naim, que agora é professor de direito na Universidade de Emory, traduziu o livro para inglês. Em sua introdução, ele escreve: “o Islã, sendo a religião última e universal de acordo com a crença muçulmana, foi oferecida primeiramente em termos igualitários e tolerantes em Meca, onde o Profeta pregava igualdade e responsabilidade individual entre todos os homens e mulheres sem distinção de raça, gênero, ou origem social. Como essa mensagem foi rejeitada na prática, e o

⁵ Corão, Sura (4:34).

⁶ *Ibid.*

⁷ Corão, Sura (9:5).

⁸ Corão, Sura (2:256).

profeta e seus seguidores foram perseguidos e forçados a migrar para Medina, alguns aspectos da mensagem mudaram.”

Como Taha coloca em *A Segunda Mensagem do Islã*, enquanto no período de Meca Mohamed difundia “versos pacíficos de persuasão”, em Medina “os versos de coerção pela espada prevaleceram”. Os versos medinenses são cheios de regras, coerção e ameaças, incluindo ordens para a jihad e, segundo o ponto de vista de Taha, são uma adaptação histórica à realidade da vida em uma cidade-estado islâmica no século VII, na qual “não havia lei senão a espada”. Em um determinado momento, Taha escreve que a dois decretos modestos presentes nos versos de Meca (“és, apenas lembrador. Não és, sobre eles, dono absoluto⁹”) foram anexados uma edição dura pós Medina: “exceto a quem volta as costas e renega a fé, Allah castigá-lo-á com o castigo maior”¹⁰. No seu estilo retórico característico, que combina exegeses densas com positividade humanística, Taha observou: “É como se Deus tivesse dito, ‘Nós temos te concedido Mohamed, domínio sobre qualquer um que dê as costas e renegue a fé, para que Deus o sujeite ao maior sofrimento no inferno’...Assim, os primeiros dois versos foram anulados, ou revogados, pelos dois versos seguintes.”

Os versos medinenses, direcionados não somente a Mohamed, mas a toda a comunidade de primeiros crentes, se tornaram a base da Sharia como foi desenvolvida por juristas durante os próximos séculos, o que Taha chama de “primeira mensagem do Islã”. Na visão revisionista de Taha, a exaltação dos versos de Medina se tratava apenas de um adiamento histórico, os versos de Meca, que representam o ideal da religião, seriam revividos quando a humanidade tivesse chegado a um estado de desenvolvimento capaz de aceitá-los, inaugurando um Islã renovado, baseado em liberdade e igualdade. Taha citou um Hadith, dito do Profeta, que diz: “o Islã começou como um estranho, e deve retornar como um estranho da mesma maneira que começou”. Essa “Segunda Mensagem do Islã” é mais elevada e melhor do que a primeira, entregue por um mensageiro que chegou na Arábia do século VII vindo, de uma maneira, do futuro. No século XX, o momento chegou para os muçulmanos finalmente receberem-na. Taha ofereceu uma saída hermenêutica para a crise moderna do Islã, permitindo aos muçulmanos afirmarem sua fé, sem temer que viver de acordo com um código desumano.

⁹ Corão Suna (88:21-22)

¹⁰ Corão, Suna (88:23-24)

A reputação e importância de Taha é muito maior que o número real de seus seguidores, que nunca chegaram a mais do que poucos mil sudaneses intensamente devotos. As histórias de grande transformação pessoal que ouvi de Naim, Osman e outros Irmãos Republicanos, aparentemente eram comuns entre seus partidários. (Taha adaptou o nome do seu antigo partido político para o seu novo movimento espiritual). Ele recebia visitantes em sua casa em Omdurman, noroeste de Cartum, a qualquer momento, se envolvendo em uma espécie de seminário contínuo no qual ele era inequivocamente o mestre – a Irmandade republicana ainda o chama de “Ustazh” ou “reverenciado professor” – mas um mestre que incentivava discussões. “Ele ouvia com o máximo respeito”, um seguidor chamado Omer el-Garrai me disse. “Eu nunca o vi frustrado, eu nunca o vi com raiva, eu nunca o ouvi gritar.” Naim lembrou: “Taha não conseguia transmitir suas iluminações religiosas ao falar sobre elas. Nós víamos o resultado pelo seu estilo de vida pessoal, nas suas atitudes. A sua honestidade, seu vigor intelectual, sua serenidade, seu carisma – são essas as coisas que nós conseguimos observar e a partir delas nós entendíamos que isso vinha de alguém que tinha tido uma experiência religiosa transformadora.” Taha vivia com simplicidade e insistia que seus seguidores fizessem o mesmo, até hoje a Irmandade Republicana é conhecida pela falta de vaidade em cerimônias de casamento. Uma aura de santidade cerceia as histórias que eu ouvi sobre Taha no Sudão, assim como com Gandhi, com quem é comparado às vezes. Um homem chamado Anour Hassan lembrou que o filho de 12 anos de Taha desapareceu no Nilo Azul em 1954, e Taha disse calmamente para as pessoas que queriam continuar procurando pelo menino: “Não, ele foi para um pai mais bondoso do que eu.”

Talvez o século XX ainda tenha sido cedo demais para a segunda mensagem do Islã. Taha foi condenado por apostasia por clérigos Sudaneses e Egípcios, seu movimento esteve sob ataque constante dos fundamentalistas da Irmandade Muçulmana e suas aparições públicas foram proibidas pelo governo. Vários rumores começaram a circular: que Taha e seus seguidores acreditavam que ele fosse o novo profeta, ou mesmo uma divindade; que Taha não rezava; que ele era louco. Seu legado se tornou controverso até mesmo entre sudaneses liberais. Em uma tarde de julho, conversei com um intelectual e político moderado, Sadiq al-Mahdi, em seu terraço com vista para o jardim do seu palacete em Omdurman. Mahdi, que serviu duas vezes como primeiro ministro do Sudão e foi deposto as duas vezes, em 1967 e 1989, é um homem imponente: ele usava o tradicional djellaba branco e turbante, e havia hena em sua barba. Ele falou respeitosamente de Taha, mas o considerava pouco sólido teologicamente. “Entre os islâmicos, existe aqueles que pulam para o futuro e aqueles que pulam para o passado” Mahdi disse, comparando Taha com Qutb. “Taha está entre aqueles que pulam para o futuro. Ele com certeza é a favor da reforma

radical islâmica. Mas baseia isso em argumentos que não são legítimos. ” Mahdi, assim como muitos outros pensadores muçulmanos, acredita que o Corão já oferece bases que afirmam valores democráticos, não há necessidade, como ele coloca, de fazer “essas cambalhotas. ”

O que é verdadeiramente notável em Taha é simplesmente sua existência. Durante uma crescente onda de extremismo islâmico, ele articulou uma mensagem de reforma liberal que era rigorosa, coerente e corajosa. Sua visão pedia aos muçulmanos que abandonassem 1400 anos de dogmas em favor de uma nova metodologia radical e exigente, que lhes libertaria do fardo da jurisprudência tradicional. A lei islâmica, com suas punições severas e repressão da liberdade de expressão era, Taha argumentava, uma interpretação humana dos versos de Medina e do que foi registrado das palavras e ações do profeta desenvolvida nos primeiros séculos depois de Mohamed, e esteve desde então fechada para revisões por um milênio. Quando Taha falava de Sharia, ele falava sobre os versos iluminados de Meca, que eram universais e eternos. Para muçulmanos como Mahdi, essa visão parecia significar que parte do livro sagrado era um erro. A mensagem de Taha demanda um tamanho salto intelectual por parte dos muçulmanos que aqueles que o fizeram – em oposição àqueles que meramente admiravam Taha, ou estavam interessados nele – foram qualificados como membros de um culto, com suas vestes brancas, sermões de esquina e contratos de casamento igualitários. Não é de se admirar que Taha falhou em criar um movimento de massa duradouro. Em *Busca pela Divindade*, em estudo novo e geralmente favorável sobre Taha, a ser publicado nesse outono, Professor Mohamed A. Mahmud, da Universidade de Trufts, escreve: “As consequências dessa cultura de tutela e dependência intelectual foram um movimento com recursos espirituais e intelectuais empobrecidos, intrinsecamente incapaz de sobreviver à morte de Taha. ”

Por que o Estado Sudanês, a instituição religiosa, e os conservadores islâmicos consideravam que valeria a pena matar um líder de um movimento tão pequeno? Talvez porque, como Khalid el-Haj, um diretor de escola aposentado em Rufaa que conheceu Taha no começo dos anos 60, me disse: “Eles têm medo das ideias, não dos números. Eles sabem que as ideias vêm de dentro do Islã e não conseguem confrontar isso. ”

Eventualmente, os ensinamentos de Taha colidiram com o poder político islâmico. O ditador militar do Sudão, Jaafar al-Nimeiri, que tomou controle do país em 1969, era um tirânico oportunista que esgotava um modelo depois do outro para justificar sua estada no poder: marxismo,

nacionalismo árabe, pró-americanismo. No começo dos anos 80, o poder de Nimeiri estava em risco e ele se sentia particularmente ameaçado por um de seus conselheiros: Hassan al-Turabi, um acadêmico da área de Direito, com seguidores islâmicos cada vez mais motivados. Turabi, um político brilhante com educação Britânica e Francesa, era um ideólogo autoritário, mais como um Bolchevique do que clérigos tacanhos. Um dos principais inimigos intelectuais de Turabi era Taha, cuja interpretação do Corão ele considerava ilegítima. Taha, de sua parte, chamou Turabi de “esperto, mas não perspicaz” – e muitos sudaneses acreditam que Turabi nunca esqueceu essa fala.

Em 1983, Nimeiri, com o objetivo de combater a crescente popularidade de Turabi, decidiu fazer sua própria reivindicação islâmica. Ele apressadamente empurrou leis que impunham uma versão severa da Sharia no Sudão, incluindo o sul, cristão e animista. Em dezoito meses, mais de cinquenta suspeitos de roubo tiveram suas mãos amputadas. Um cristão cópta foi enforcado por carregar moeda estrangeira; mulheres pobres foram açoitadas por venderem cervejas locais. Era exatamente o tipo de Sharia brutal, divisória, motivada politicamente que Taha há tanto tempo julgava perigosa e a reação dos sulistas intensificou uma guerra civil de mais de uma década contra Cartum. Taha e outros da Irmandade Republicana, incluindo Naim, foram encarcerados preventivamente por Nimeiri para evitar que liderassem protestos. A prisão deles durou um ano e meio.

Pouco depois da liberação de Taha, ele distribuiu um panfleto, no natal de 1984, intitulado *Ou Isso ou Inundação*. “É fútil afirmar que um cristão não é afetado negativamente pela implementação da Sharia.” Ele escreveu. “Não é suficiente para um cidadão hoje meramente viver a liberdade de culto. Ele tem direito a todos os direitos que um cidadão tem, em igualdade com todos os outros cidadãos. Os direitos dos cidadãos sulistas no seu país não são dados pela Sharia, mas pelo Islã, a nível de revelação corânica fundamental.”

Taha, agora com seus setenta anos, vinha se preparando por metade da sua vida para esse momento. Era central na sua visão que a lei islâmica, em sua forma histórica, não o que ele considerava ser o seu significado original e autêntico, era uma injustiça monstruosa para a sociedade moderna. Sua oposição era corajosa e absoluta, ainda assim, suas falas revelam o limite da filosofia que ele esperava tornar universal. Taha se opunha secularismo – uma vez ele declarou que o Ocidente secular “não é uma civilização porque seus valores são confusos” – e não conseguia

conceber direitos fora do âmbito do Islã e do Corão. Ao mesmo tempo em que defendia os não-crentes do status de cidadãos de segunda classe que os era dado pela lei islâmica, ela estendia seus direitos através de uma Sharia melhor e superior.

Abdullahi an-Naim defende a abordagem de Taha dizendo que, no mundo islâmico, um secularismo no estilo turco será sempre autoderrotado. “É uma ilusão pensar que é possível sustentar o constitucionalismo e democratização sem abordar seu embasamento islâmico.” Ele disse. “Porque, para muçulmanos, você não pode dizer ‘eu sou muçulmano, mas, esse ‘mas’ não funciona. O que une muçulmanos é uma ideia. É o Islã como uma ideia. E, portanto, a contestação dessa ideia, eu acho que será permanente. Quando intelectuais seculares tentam contornar a questão da Sharia em países muçulmanos, “eles deixam a campo moral para os fundamentalistas e perdem” disse Naim. Invocar o Islã como a maior autoridade para direitos universais não era uma simples questão de crença, significava que Taha e seu movimento poderiam continuar no jogo.

Logo depois que a declaração de Taha no natal foi publicada, ele foi preso novamente. Dessa vez, o governo apresentou queixas culminando em apostasia, que tinha pena de morte. Taha se recusou a reconhecer a legitimidade da corte sob a Sharia, se recusou a se arrepender, e em questão de horas foi condenado à morte. O enforcamento foi marcado para a manhã de 18 de janeiro de 1985. Entre as centenas de espectadores no grande pátio da prisão Kober, no norte de Cartum, estava Judith Miller, na época repórter da revista *Times*, disfarçada com manto e lenço branco. Na abertura de seu livro de 1996, *Deus Tem Noventa e Nove Nomes*, Miller descreveu a cena: “Pouco antes do horário marcado, Mahmud Mohamed Taha foi levado ao pátio. O homem condenado, com suas mãos presas atrás de si, era menor do que eu esperava e, de onde eu estava sentada, enquanto os guardas o apressavam, ele parecia mais novo do que setenta e seis anos. Ele manteve sua cabeça erguida e encarou silenciosamente a multidão. Quando o viram, muitos da multidão se levantaram, zombaram e fizeram gestos agressivos para ele. Alguns balançavam o Corão no ar. Eu consegui apenas um vislumbre do rosto de Taha antes do carrasco colocar um saco cor de aveia sob seu rosto e corpo, mas eu nunca esquecerei sua expressão: seus olhos eram desafiadores, sua boca firme. Ele não mostrava nenhum sinal de medo.

No instante em que o alçapão se abriu e o corpo de Taha caiu, a multidão começou a gritar, “*Allahu Akbar! Allahu Akbar! Islam huwa al-hall!*” – “Deus é grande, o Islã é a solução” – o slogan da Irmandade Muçulmana.

Alguns dos seguidores de Taha não conseguiam aceitar que ele estava morto, eles haviam realmente começado a acreditar que ele era divino, e passaram muitos dias em uma das pontes que cruza o Nilo, esperando ele reaparecer. Quando isso não aconteceu (seu corpo foi levado de helicóptero para uma localização desconhecida no deserto, para um rápido enterro), a Irmandade Republicana essencialmente morreu. Alguns dos membros, incluindo Naim, foram para o exterior; outros ficaram no Sudão, mas abandonaram toda a atividade pública. O regime forçou os membros presos da Irmandade Republicana a repudiar as ideias de Taha para que não fossem mortos. Seus livros foram queimados em fogueiras públicas.

A execução indignou grande parte da população, que não estava acostumada a violência política, e contribuiu para antecipar a queda de Nimeiri, quatro meses depois, quando uma insurreição popular restaurou o governo democrático. 18 de janeiro se tornou o dia Árabe dos Direitos Humanos. Em 2000, um repórter perguntou a Nimeiri sobre a morte de Taha. Nimeire expressou arrependimento pela morte e fez uma declaração surpreendente: A execução de Taha tinha sido orquestrada secretamente por Hassan al-Turabi.

“Eu não queria que ele morresse” Nimeiri disse sobre Taha. “Turabi me disse que Mahmud Mohamed Taha queria se aliar com a esquerda contra mim, e a Irmandade Republicana tem uma força que não deve ser subestimada, e que se ele se unisse com a esquerda eu com certeza estaria condenado. Turabi me trouxe a ordem para executá-lo e pediu para que eu assinasse.... Eu decidi adiar minha decisão por dois dias. No terceiro dia fui vestido de civil encontrar Taha. Eu disse a ele ‘Sua morte me entristeceria. Apenas recue na sua decisão.’ Ele falou comigo de uma forma que na época eu considerei exacerbada, mas hoje eu vejo que era honrável considerando a situação. Ele me disse, ‘Recue *você* na *sua* decisão. Quanto a mim, eu sei que serei assassinado. Se eu não for morto pela corte, a Irmandade Muçulmana me matará em segredo. Então vá embora e me deixe e paz. Eu sei que vou morrer.’”

Eu perguntei a muitas pessoas em Cartum sobre o papel que Turabi poderia ter tido na morte de Taha. “Turabi o matou” foi o brusco veredito de Hyder Ibrahim Ali, sociólogo e diretor do Centro

de Estudos Sudaneses. “Eu acho que Turabi estava por detrás de tudo isso. Taha era um adversário para Turabi. Na época, as únicas pessoas na Universidade de Cartum tão fortes quanto a Irmandade Muçulmana eram a Irmandade Republicana” Outros ecoaram esse ponto de vista: mesmo que Turabi não tenha tido uma atuação direta na morte de Taha, seu movimento reformista oferecia um desafio teológico para o Islamismo severo de Turabi.

Na década após a morte de Taha, Turabi e sua política conservadora prosperaram. Em 1989, ele era o principal estrategista da revolução islâmica que se seguiu a derrubada do militarismo do Primeiro Ministro Sadiq al-Mahdi. Ele se transformou no arquiteto intelectual do novo regime, liderado por Omar al-Bashir, e presidiu um governo de terror nos anos noventa. Ele foi o agente que atraiu praticamente todos os líderes terroristas jihadis para o Sudão; jornalistas passaram a chamá-lo de “o Khomeini dos sunitas” e o “Papa do terrorismo”. Em 1999, entretanto, a sorte de Turabi mudou repentinamente: ele perdeu uma disputa de poder com Bashir, que o demitiu.

Nessa primavera, Turabi, em uma imprevisível volta à política Sudanesa, disse algumas coisas surpreendentes sobre o Islã. Embora tenha sido sempre mais favorável aos direitos das mulheres do que outros conservadores, ele estava agora declarando que homens e mulheres eram iguais, que mulheres podem liderar as orações islâmicas, que cobrir os cabelos não é obrigatório, que apostasia não deveria ser considerado um crime. Ele disse que mulheres muçulmanas podem se casar com cristãos ou judeus. Citações na imprensa árabe o fizeram parecer um reformista liberal. Em Cartum, as pessoas admiravam-se com o quanto ele soava como Taha. Suhair Osman, a jovem moça que conheci na Universidade de Cartum, me disse com um sorriso pálido: “dizem nos jornais e nos grupos de estudo aqui na Universidade que Turabi matou o Ustazh Mahmud e agora está roubando as ideias dele.”

Nas próximas décadas, muitos países árabes – Iraque, Palestina, talvez até Egito e Argélia – podem acabar sob governos Islâmicos, seja através de eleição ou da força. Se isso acontecer, faria bem a eles estudar o exemplo do Sudão. Toda uma geração de sudaneses cresceu sob a ideologia conservadora imposta por Turabi e seus colegas depois de 1989. “Nós somos os cirurgiões machucados, nós temos a praga,” Sadiq al-Mahdi me disse. “Nós fomos cobaias desse exercício, você deveria nos ouvir.”

O Islã é tão diverso quanto os muçulmanos, mas o islamismo, até agora em sua curta história, tende a ter a mesma aparência, onde quer que surja. A versão sudanesa não foi uma revolução genuína, como no caso iraniano, foi mais um projeto de elite que nunca teve legitimidade fora dos círculos estudantis, intelectuais e militares. Ainda assim, o partido conservador do Sudão, a Frente Islâmica Nacional, fez o país marchar por caminhos conhecidos. Suliman Baldo, o diretor do programa africano no Grupo de Crises Internacionais, que viveu os anos de islamização em Cartum e publicou um relatório documentando a volta da escravidão no Sudão, disse sobre o governo: “eles trouxeram um projeto de engenharia social e eram muito abertos em relação a isso.” Educação virou uma forma de doutrinação: crianças pequenas aprendiam cantos jihadis; os uniformes das escolas foram substituídos por fardas de combate; estudantes se envolviam com a rotina paramilitar e memorizavam o Corão; professores reformularam o currículo escolar para focar na glória árabe e na cultura islâmica. Cartum havia sido uma cidade socialmente relaxada, que celebrava o natal, mas agora a polícia moral assegurava que mulheres estivessem cobertas, principalmente nos gabinetes governamentais e nas universidades. As agências de segurança foram tomadas por islamistas e câmaras de tortura, conhecidas como “casas fantasmas”, proliferaram no que já foi uma cultura política tolerante. (Alguns torturadores foram oficialmente treinados por guardas revolucionários iranianos). Homens jovens foram recrutados para a Força de Defesa do Povo e eram enviados para lutar a jihad contra os infiéis do Sul, milhares deles gritaram “*Allahu Akbar!*” enquanto iam de encontro a morte. Turabi declarou que os jihadis ascenderiam diretamente para o paraíso. Atores simulavam “casamentos” entre mártires e virgens celestiais em canais do governo na TV. Turabi deu asilo e apoio a terroristas, incluindo bin Laden e outros membros da Al Qaeda, e o Sudão logo se tornou inimigo de todos os países vizinhos e dos Estados Unidos. E assim um país africano etnicamente e religiosamente diverso, com o sufismo igualitário sendo a ramificação islâmica dominante, foi mobilizado por intelectuais e soldados para criar um Estado militar extremamente ideológico, cujas maiores realizações foram guerra civil, escravidão, fome, e mortes em massa.

Em algum momento no fim dos anos noventa, Turabi percebeu que seu grande plano havia falhado. O Sudão estava sob sanções da ONU por patrocinar uma tentativa de assassinato ao Presidente Hosni Mubarak, do Egito, em 1995. O país estava isolado internacionalmente; a guerra civil matava milhões. E o projeto islâmico estava arruinado. Como no Irã, o país fomentou uma classe dominante cada vez mais rica e corrupta de ideólogos e agentes de segurança, enquanto jovens sudaneses, incluindo muitos dos seguidores de Turabi, deixaram o país ou se afastaram da política.

Foi nesse momento crítico que Omar al-Bashir expulsou Turabi do governo. Até o ano passado, Turabi entrava e saía da cadeia regularmente e passou a repensar sua política. Chegou a declarar que a guerra ao Sul não tinha sido uma jihad, mas apenas um desperdício sem sentido. Na prisão, começou a escrever sobre em que ponto os islamitas tomaram o caminho errado. O problema, ele decidiu, foi o fracasso em aderir aos princípios de democracia e direitos humanos. Nessa primavera, Turabi passou a chamar atenção com suas falas liberais sobre mulheres e Islã. Ele parabenizou o envio de tropas da ONU para a região de Darfur, onde o governo havia lançado uma campanha de limpeza étnica e zombou de bin Laden por ameaçar lançar uma jihad contra as forças de paz. (Alguns analistas acreditam que Turabi teve um papel na rebelião que precedeu os assassinatos em massa na região, mas ninguém foi capaz de provar.) Suas falas eram tão radicais que lhe renderam acusações de apostasia por clérigos no Sudão e na Arábia Saudita. A edição saudita do jornal sudanês que citou suas declarações cortou as linhas consideradas ofensivas de todas as cópias.

Em Cartum, as pessoas falavam sempre a mesma coisa sobre a visão de Turabi: “ele girou 180 graus”. Eu já ouvi muitas explicações. Sadiq al-Mahdi, o ex primeiro-ministro, acreditava que Turabi estava tentando se redimir pelos males que causou ao Sudão. Outros viam o oportunismo de sempre sob um novo slogan: Turabi percebeu que, graças ao mau governo islâmico, a democracia seria a próxima onda no Sudão e queria sair na frente. Não haveria possibilidade de ser ignorado.

Um dia no fim de julho, durante uma forte tempestade de areia no Saara, que escureceu o sol e deixou areia nos meus molares, Turabi me recebeu em seu escritório nos subúrbios de Cartum, depois do aeroporto. Eu o encontrei sentado atrás de uma grande mesa, que estava quase vazia, assim como as estantes ao lado dele, como se estivesse esperando alguém remobiliar as armadilhas do poder. Turabi tem setenta e quatro anos agora. Ele tem uma barba branca bem aparada e olhos brilhantes emoldurados por óculos de metal; ele usava um djellaba e turbante, mocassins de verniz branco e meias de poliéster com estampa de flores. Ele tem uma voz ressonante que, quando o assunto fica sério, frequentemente é cortada por risadas desconcertantes, acompanhadas de um sorriso largo cheio de dentes. Turabi é incansável: antes de eu chegar, ele passou três dias conversando com membros de seu partido político dissidente, mas ele praticamente não precisou de incentivos para fazer um monólogo de quase três horas. Era como tentar seguir o caminho do voo de um mosquito: ele deixava frases sem terminar, mudava de

assunto no espaço de uma vírgula, fazia o ponto final virar risada e, de repente, pousava em um lugar – clérigos sauditas inflexíveis, islamistas mal instruídos da Argélia, soldados sudaneses de mente pequena, políticos americanos sem visão de futuro – e arrancava sangue.

Turabi se apresentou como mais velho agora, mas também mais sábio, livre para ser o pensador independente em um mundo de ideólogos, um emissário dos dois lados na guerra entre Islã e o Ocidente, sem medo de dizer verdades, incluindo verdades sobre seus próprios erros – no entanto, sempre que eu tentava apontar um de seus erros, ele culpava outra pessoa e dizia que seu papel havia sido exagerado. “Oh, Turabi, ele é o ‘papa do terrorismo’, do fundamentalismo, é o papa *noir du terrorisme*¹¹!” zombou ele. A guerra ao terror do governo Bush, ele disse, foi um enorme mal-entendido baseado em falha de comunicação. Quanto ao reflorescimento islâmico, ele não é perigoso para o Ocidente: “Oh, não, é positivo!” ele disse. “Qual o nosso modelo econômico? Não é o modelo soviético. Não é o velho modelo capitalista, ou o modelo feudal. É o seu modelo! Qual o nosso modelo político? É o *seu* modelo! Quase o mesmo modelo, ok?”

Já no fim do seu discurso, eu mencionei que muitos sudaneses tinham ouvido ecos de Mahmud Mohamed Taha em suas últimas declarações. Pela primeira vez, Turabi perdeu seu bom humor. “Ooh, ” ele suspirou. Ele chamou Taha de “um apóstata” que “não era normal, ” e insistiu que, longe de estar por detrás da morte de Taha, ele tinha defendido a vida dele face a Nimeiri: “Eu disse, ‘porque você prende esse homem? Ele não vai te machucar, ele não é contra o regime. Ele acha que é a personificação de Jesus Cristo’”. Turabi riu despreocupadamente. “Eu disse, ‘Deixe ele ir e pregar sua mensagem. Ele vai persuadir umas pessoas por algum tempo. Ele não é nocivo a você.’” Ele disse de Taha: “Desde o começo, eu não leio seus livros, eu não menciono seu nome. Mesmo se as pessoas me perguntam, eu tento ser evasivo, porque em todas as sociedades, também nos Estados Unidos, vocês têm essas pessoas de culto – todo mundo tem que beber o que mata! Jim Jones!”

Turabi riu e se levantou para dar tchau.

Quando eu perguntei a Abdullahi an-Naim sobre as falas recentes de Turabi a respeito das mulheres, minorias e o Islã, ele gracejou, “Ele não tem *metodologia*. ” Era verdade: Turabi dava

¹¹ “O papa negro do terrorismo” em francês no original

opiniões como se jogasse sementes. Entretanto, como Taha disse, a única constante em sua carreira havia sido a esperteza. Turabi parecia perceber que, nas ruínas do Sudão que ele mesmo criou, seus compatriotas precisavam de uma nova noção de Islã e de Governo. Grandes reviravoltas na história raramente vêm por que alguém escreve um manifesto ou propõe uma teoria. Ao contrário, experiências concretas, normalmente na forma de fracasso catastrófico, forçam pessoas a buscar novas ideias, muitas das quais já existem há algum tempo. Naim, que saiu do país depois do golpe de 1989, voltou ao Sudão em 2003 para descobrir que “as pessoas estavam totalmente desiludidas com o projeto islâmico. Elas viam que ele era corruptor e corrupto.” Como reação, um pequeno, mas crescente, grupo de sudaneses caiu sob a influência do do wahabismo saudita – voltando-se para uma teologia ainda mais extrema do Islã puro. Outros, como Osman Mirghani, colunista de jornal e ex-seguidor de Turabi, concluíram que o problema do Sudão tem menos a ver com religião do que com a cultura civil. Mirghani formou um novo movimento social, o Fórum do Sudão, e travou sua primeira luta contra corrupção no alto escalão governamental.

A solução de Taha para o dilema do muçulmano moderno paira sobre conversas de sudaneses que são jovens demais para lembrarem-se dele. Em um escritório sujo no centro de Cartum, eu conheci um homem chamado Hussein e uma mulher chama Butina, dois ativistas sociais que são exatamente o tipo de idealistas que os islamistas atraíam. Em 1989, quando era adolescente, Hussein de início recebeu bem o novo governo. Ele percebeu logo que suas promessas de justiça islâmica eram falsas e ele ficou traumatizado pelo ano que passou como recruta da jihad contra o Sul. “No meu ponto de vista, esse regime é uma grande vergonha para a história do Islã,” ele disse. “Ele distanciou as pessoas do Islã. A mentalidade delas mudou. Elas não respeitam mais as regras islâmicas.” Ele mencionou prostituição, bebidas alcoólicas e corrupção. Apesar de toda a sua desilusão, Hussein ainda acreditava na Sharia – em açoitamento por fornicação, apedrejamento por adultério e decapitação por apostasia – mas ele gostaria que ela fosse aplicada sob um governo democrático, baseado em direitos humanos. Butina balançou sua cabeça, o governo islâmico levou-a a defender o secularismo. “Esse é um assunto muito, muito sensível,” ela disse. “Quando se escreve regulamentações e constituições, você tem que aceitar que todas as pessoas olhem essa constituição e se reconheçam nela. Caso contrário, eles não vão implementá-la. Se nós escrevermos uma constituição e a lei do país for baseada no Islã, isso criará um problema.”

Quando eu contei de Hussein para Naim, ele disse, “ele vê a corrupção do regime atual e ele vê como um Estado Islâmico é impraticável, mas ele não tem alternativa. Essa é a questão de Taha. Ele propõe uma alternativa. Conforme a crise se intensificar, a receptividade às ideias de Taha aumentará.” O mau governo de Turabi e os Islamitas Sudaneses, disse Naim, fizeram mais para o avanço do projeto de reforma da Sharia do que os seguidores de Taha poderiam ter alcançado. Ao mesmo tempo, ele admitiu que hoje a maioria das pessoas do Sudão nunca ouviu falar de Taha. O que restou de seu movimento são poucas centenas de seguidores, alguns se reúnem à noite em uma casa em Omdurman. Eu fui convidado a me reunir com eles uma noite: os homens sentam em cadeiras de um lado do pátio e as mulheres do outro, mas eles se misturam mais do que muçulmanos religiosos na maioria de suas reuniões. Todos vestidos de branco, eles cantaram músicas sufi tradicionais e um cântico fúnebre sobre o líder seu martirizado.

O vazio que os sudaneses sentem, e o cinismo generalizado a respeito do governo islâmico, com suas ideologias forçadas e rituais, lembram o leste europeu nos anos anteriores à queda do muro de Berlim. Contudo, se você passar um pouco de tempo em um país islâmico logo perceberá que a analogia com o comunismo se perde. O Islã, diferente do marxismo, é profundamente enraizado no cotidiano e ainda é muito presente no dia-a-dia. Como tal, é uma ferramenta de mobilização irresistível para políticos: uma líder islâmica marroquina, Nádia Yassin, disse uma vez: “se eu for para as ruas e chamar as pessoas para me ouvirem falar sobre Che Guevara e Lênin, ninguém irá. Mas, se eu começar a falar sobre Mohamed e Ali e Aisha e todos os profetas do islã, eles irão me seguir”. O Islã ainda é o sistema de valores pela qual os muçulmanos vivem e é forte o suficiente para sobreviver ao Islamismo. Talvez, com o tempo, a centralidade da religião diminuirá, mas, no futuro próximo, o iluminismo islâmico no qual tantos pensadores Ocidentais colocaram suas esperanças – isto é, o secularismo – não irá varrer o mundo muçulmano. O reflorescimento islâmico e suas respectivas dificuldades e males, é menos parecido com o século XVIII europeu que com o século XVI, os tempos de Lutero, quando os ingleses, franceses e alemães mais atentos e ambiciosos dedicaram todo seu esforço a encontrar nas palavras da Bíblia um sentido pelo qual valesse a pena viver e morrer.

Nas paredes do escritório de Naim na Universidade de Emory, logo acima da foto dos pais dele, há um retrato em preto e branco de Taha, já velho, sentado, com as dobras de um manto branco espalhadas sobre seus ombros e o turbante sudanês envolvendo sua cabeça. Seu olhar é direto e ao mesmo tempo distraído, olhando para além da câmera. Desde a noite que Naim foi à

palestra de Taha quando era um jovem estudante de direito, ele acredita que os muçulmanos precisam encontrar uma maneira de sair da situação difícil na qual sua própria história os colocou – que não seja pela visão de Taha, mas então, que seja trabalhando em direção a uma outra.

“Na verdade, eu não tenho grandes esperanças de mudanças para a região árabe, porque ela é muito centrada no seu próprio senso de superioridade e vitimização”, ele disse. A esperança dele está na periferia – África ocidental, o Sahel, sudeste asiático, Ásia central. “Eles não são notados, mas é ali que está a esperança”. O dano causado à muçulmanos sob o slogan “Islã é a solução”, e o fracasso do islamismo em resolver seus problemas diários e em responder às necessidades das pessoas já forçou jovens muçulmanos de países como Indonésia, Turquia e Marrocos a abordarem a religião e a política de forma mais sofisticada. O novo projeto de Naim, que ele chama de um trabalho de advocacia mais que de pesquisa, é um manuscrito chamado *O Futuro da Sharia*. Mesmo antes da publicação em inglês, ele já começou a publicá-lo na internet, traduzido para persa, urdu, bengali, turco, árabe e bahasa indonésio. O tema é mais radical do que tudo que ele escreveu antes e, apesar de ser baseado na sua longa devoção às ideias de Taha, ele vai além delas e, de acordo com alguns dos seguidores de Taha, deixa-as para trás. *O Futuro da Sharia* promove um tipo de secularismo: não propõe uma separação rígida entre política e religião, como na Turquia, mas um esquema no qual o Islã informa a vida política, sem ser introduzido como lei através do apelo a autoridades religiosas. Caso contrário, muçulmanos não seriam livres. “Eu preciso de um estado secular para ser muçulmano,” Naim disse. “Se eu não tenho a liberdade de não acreditar, eu não posso acreditar.”

Dois dias depois de conversarmos, Naim foi à Nigéria para proferir uma série de palestras baseadas em seu novo livro. Nos estados do Norte foi imposta uma forma de Sharia particularmente extrema. Ele planeja viajar à Indonésia ano que vem e, se possível, para o Irã. Dois anos atrás, quando ele discursou na Nigéria, um quarto do público de oitocentas pessoas abandonou a palestra e ele teve que escapar pela porta dos fundos. Ele reconhece que violência, e até assassinato, podem ser a resposta nesse momento. No entanto, Naim acredita que apesar da evidência das manchetes, a história islâmica está indo em sua direção.

“No Sudão, essa resposta simplista fracassou,” disse Naim. “No Irã, fracassou. No norte da Nigéria, fracassou. No Paquistão, fracassou. Com o fracasso dessas experiências as pessoas vão perceber que não há atalhos – é preciso enfrentar as questões difíceis.” A mensagem dele para os

muçulmanos em suas viagens será essa: “Eu já fui por essa rua, vi que é sem saída e voltei. Então eu vejo alguém apressado e digo, essa rua é sem-saída, ele não acredita em mim, vai até o fim e volta. ” Ele dirá para outras pessoas, “Olha, você não tem que fazer isso, você não tem que ir por essa rua sem saída”. Existe um ditado árabe: “Os felizes irão aprender com o erro dos outros; os infelizes aprenderão com os próprios erros. ”

Ao levar sua mensagem ao público muçulmano, arriscando sua própria vida, Naim está, talvez inconscientemente, seguindo o exemplo de um dos heróis intelectuais do Islã moderno. Os primeiros anos do século XXI não parecem acolhedores para a visão humana de Mahmud Mohamed Taha, mas suas palavras estão aí para jovens muçulmanos a conhecerem quando chegarem ao fim da rua sem saída e precisarem encontrar um novo caminho.